

RESENHA:  
*DOMESTICIDADE,  
GÊNERO E CULTURA  
MATERIAL*

NASCIMENTO, FLÁVIA BRITO DO; LIRA, JOSÉ  
TAVARES CORREIA DE; RUBINO, SILVANA BARBOSA;  
SILVA, JOANA MELLO DE CARVALHO E (ORG.). SÃO  
PAULO: CPC: EDUSP, 2017. 432 P. (ESTUDOS CPC, 5).

**ROGÉRIO RICCI LUCA MATIELLO FÉLIX**, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO,  
SÃO PAULO, BRASIL.

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: rogerio.felix@usp.br

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27p287-296>

**RECEBIDO**

27/11/2018

**APROVADO**

30/11/2018

**RESENHA:**

***DOMESTICIDADE, GÊNERO E CULTURA MATERIAL.***  
**NASCIMENTO, FLÁVIA BRITO DO; LIRA, JOSÉ TAVARES**  
**CORREIA DE; RUBINO, SILVANA BARBOSA; SILVA,**  
**JOANA MELLO DE CARVALHO E (ORG.). SÃO PAULO:**  
**CPC: EDUSP, 2017. 432 P. (ESTUDOS CPC, 5).**

ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX

**PALAVRAS-CHAVE**

Edifícios residenciais. Habitação. Relações de gênero.

Resultado da publicação das comunicações apresentadas no Simpósio Domesticidade, Gênero e Cultura Material, realizado no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP) em maio de 2014, o quinto Caderno de Estudos desse centro, organizado por Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira e Silvana Barbosa Rubino, traz como tema a inter-relação dessa trinca de categorias que dão nome à obra. Se individualmente essas temáticas são ainda raras entre publicações brasileiras, tanto mais preciosas são em conjunção, revelando um esforço atualizado e de peso de todos os autores em conjugar essas categorias de estudo.

Interdisciplinar e polissêmico, o livro toma como básica a noção de habitação enquanto artefato de cultura, e a domesticidade como eixo central, pensada neste volume não só como algo móvel, pelas infindáveis variações nas dimensões físicas que qualquer espaço construído e habitado pode assumir, mas também pelas variações de representações, práticas, subjetividades e negociações as quais os mesmos espaços imprimiram e imprimem no utilizador, em uma via de mão dupla entre a cultura material e a pessoa, seja esta moradora, conviva ou mesmo o expectador externo. Assim, na interação entre indivíduos e espaço construído pode haver extremos: há tanto o espaço adaptado para o confinamento feminino, como a Casa de Dona Yayá, quanto o projetado para a abertura aos convivas e chamariz das ideias vanguardistas e vivências iconoclastas, como a Casa Capuava de Flávio de Carvalho. Os textos sublinham, desta forma, os objetos domésticos enquanto silenciosos vetores de poderes simbólicos entre os próprios habitantes e também entre seus visitantes.

Do eixo comum, e mesmo da louvável reincidência de estudos de mais de um autor sobre o mesmo espaço ou fonte – como os pares de artigos sobre a Casa de Dona Yayá e os que se utilizam da revista *Claudia* –, temos a rica possibilidade de notar como o espaço doméstico é tratado sob múltiplos pontos de vista, seja ele privado ou coletivo, rotineiro ou experimental, empírico ou representado.

Entre os autores, na sua maioria arquitetos e urbanistas, bem como historiadores, cientistas sociais e antropólogos, encontramos convergência de entendimento sobre as categorias privilegiadas e o tratamento das fontes de maneiras específicas, ajustadas às suas perspectivas metodológicas e à amplitude do tipo de documento angariado para os estudos. Os artigos, em sua maioria tratando de pesquisas sobre o espaço doméstico brasileiro, também receberam importantes contribuições estrangeiras – francesas e argentinas, além de estudo sobre os EUA –, que permitem diálogos e comparativos, sendo de uma diversidade enriquecedora.

Uma vez que a obra é dividida em quatro seções temáticas, bastante dinâmicas e propiciadoras de outros arranjos de leituras, revela-se um excelente material de aprendizado e motivador de reflexões pela intersecção de categorias analíticas, também coroadas pelos excelentes artigos iniciais feitos pelos organizadores, que fazem um apanhado historiográfico das vertentes de estudos

de gênero e domesticidade, bastante consolidadas, por exemplo, na França e nos EUA. Estes estudos tiveram como pioneiras, durante os anos 1970, Nancy Cott, Gwendolyn Wright e Dolores Hayden, mas ainda necessitam de maior ampliação no Brasil. O que há são ainda ecos de pesquisas pioneiras, no Brasil, dos estudos de gênero em intersecção com a cultura material, como a obra de Gilda de Mello e Souza, o *Espírito das roupas: a moda no século XIX*, de 1951.

O primeiro bloco do livro, “Domesticidade, patrimônio e cidade”, inicia-se com o artigo de Paulo César Garcez Marins, que faz um estudo de caso da surpreendente trajetória de Ana Rosa de Araújo, falecida em 1872, e de sua vida mediada pelo sobrado de sacadas de rótula de sua família – seguindo tradicionais formas de habitar presentes no Brasil até o final dos Oitocentos, em um jogo no qual se revela não apenas a cristalizada visão de submissão da mulher na sociedade patriarcal, mas, pelo contrário, se mostra a sua agência e mesmo ousadia enquanto divorciada – em 1816 – e responsável por seus próprios negócios. Apesar de atípico, esse não era um caso isolado, pois Garcez nota que quase metade dos fogos (ou seja, a concentração em um domicílio dos membros de uma família – geralmente estendendo-se aos agregados) da cidade de São Paulo tinha mulheres sozinhas no comando da família. O artigo, decerto, abre margem para que outros casos sejam estudados de forma a repensar as concepções pasteurizadas sobre os espaços domésticos coloniais e sobre as famílias tradicionais brasileiras, inclusive para discernir padrões e especificidades.

Marly Rodrigues e Sabrina Studart Fontenele Costa trazem estudos sobre uma habitação em comum: a Casa de Dona Yayá. No primeiro artigo, temos uma pequena biografia sobre Dona Sebastiana de Mello Freire, nascida em 1887 e falecida em 1961, e minuciosa averiguação das mudanças que transformaram o palacete, de caráter tradicional, em hospício particular, como também dos objetos demandados pelos tutores da rica herdeira, segundo suas variações de comportamento e os ditames clínicos da psiquiatria da época. Visto que Dona Sebastiana faleceu sem herdeiros, a casa foi transferida para a USP na década de 1960 e, sob camadas de alterações na arquitetura da casa, puderam ser dissecadas com minúcia por Sabrina Costa desde a estrutura inicial de chalé de tijolos, feita no século XIX, passando pelas ampliações feitas pelos vários proprietários, até o seu uso como espaço de cultura público gerido pela universidade, que ainda mantém os traços das domesticidades passadas.

Sendo essa primeira parte do livro composta de pesquisas voltadas especialmente para casas, os artigos revelam não só trajetórias individuais e as interações psicológicas dos moradores com seus lares, como a primeira trinca, mas também, em escala ampliada, as inter-relações entre os moradores de todo um bairro, como o popular Bixiga, em São Paulo, esmiuçado por Ana Lúcia Duarte Lanna. Dada a grande presença de imigrantes de comum origem italiana, o bairro passou por uma conformação de sua identidade e paisagem com a permanência de famílias, formas de sociabilidade entre vizinhos e trabalho artesanal de modo mais orgânico e resistente do que outras localidades da cidade, não obstante enfrentar igualmente tensões contra outras forças urbanas e imobiliárias.

Marca-se também, conforme pesquisado por Luciana Alem Gennari, o contraste das formas populares de viver com as moradias tradicionais durante a *belle époque* carioca, que foram rechaçadas pelos construtores e autoridades – não sem a continuidade de práticas domésticas passadas, como os puxadinhos para os filhos e hortas – durante a construção de novas habitações urbanas para o proletariado, como as vilas operárias e os prédios residenciais de uso misto, com grande variedade de formas, que a legislação municipal buscava controlar e fiscalizar para evitar o “encortiçamento”.

A segunda parte, “Moradias modernas e dispositivos de conforto”, igualmente traz artigos que transitam entre análises em variadas escalas de observação: primeiro, sobre os processos gerais de domesticidade abordados pelo decano Carlos Lemos, tratando da comum sobreposição de funções exercidas nos cômodos dos espaços domésticos no Brasil, desde o período colonial, marcante por ser o programa arquitetônico comumente resolvido em um só pavimento. O autor mostra como tal justaposição assume representações diferentes, variando de acordo com a posição social do indivíduo, e sofre modificações diante das demandas de uso, sejam práticas ou simbólicas.

Por sua vez, o artigo de Jorge Francisco Liernur, ao tratar da Argentina entre 1876 e 1930, encurta a escala para o ambiente da cozinha e de seus equipamentos, mostrando como a transição entre os artefatos usados para o aquecimento e o processamento alimentício, do fogareiro aos fogões, revelou transformações tecnológicas em articulação com processos econômicos, sociais e culturais mais complexos, trazendo modificações não só na materialidade dos objetos, mas também na articulação arquitetônica das cozinhas e das casas.

Monique Eleb também aborda as mudanças nas noções de conforto e domesticidade por meio da racionalização das plantas e dos equipamentos das habitações na França, na longa duração do século XX, privilegiando novamente o espaço da cozinha e seus aparatos, que passam a definir as ideias de dona do lar, bem-estar e higiene, bem como as próprias práticas e performances corporais, que se automatizam, seguindo os próprios desenvolvimentos tecnológicos dos eletrodomésticos.

Tanto Flávia Brito do Nascimento quanto Fernando Atique abordam casos de habitações coletivas, mas de locais, projetos e concepções diferentes. Flávia do Nascimento revela como as propostas do casal de arquitetos Fernando Reidy e Carmem Portinho sobre moradia compartilhada e aplicação das noções modernistas que privilegiavam espaços de encontro foram, com grande luta, concretizadas no conjunto habitacional de Pedregulho, e até mesmo em sua casa de Jacarepaguá, projetada nos anos 1940 e 1950, no âmbito do programa do Departamento de Habitação Popular. São residências construídas não sem grande polêmica, descaminhos e choques interpretativos sobre as formas de habitar e as práticas domésticas das classes populares do Rio de Janeiro. Outro espaço de atritos foi o Edifício Esther, inovador prédio paulistano da década de 1930, que trazia proposta inovadora de vida coletiva, dentro do utilitarismo burguês, revelando não só diálogos de encomendas e ocupação, mas também de atrito entre as formas de morar e o controle do uso dos imóveis pela construtora.

Os artigos do terceiro bloco trazem estudos sobre temática ainda mais rara no universo editorial brasileiro: “Corpo, gênero e domesticidade” trazem o esforço de articular não só a pesquisa sobre os artefatos de cultura material, mas também as interações e representações corporificadas no uso e na exibição dos objetos nos lares, revelando intrincados jogos nos papéis dos gêneros, como revelado pela minuciosa análise de Vânia Carneiro de Carvalho sobre a coleção de esculturas de porcelana de *fêtes galantes* do Museu Paulista, adquirida em antiquários paulistanos. Revela-se o esforço de reflexividade do objeto com o seu possuidor e seu entorno doméstico, ainda que essa interação guarde em si o contraste entre os padrões ideais e nostálgicos veiculados, como bucólicas encenações aristocráticas do século XVIII, em choque com os interiores domésticos urbanos burgueses, e mesmo proletários, que os exibiam, e ainda exibem, geralmente nas salas de visita, para fascinação e cooptação do corpo e dos sentidos de seus possuidores e convivas.

Também tratando da articulação da cultura material construída segundo codificações extremamente pessoais e das representações mentais de seus proprietários e convivas, José Tavares Correia de Lira faz um esmiuçado estudo da Casa Capuava, do artista Flávio de Carvalho, localizada em Valinhos, no interior de São Paulo. Projetada e utilizada para potencializar novas sociabilidades, eivadas de desejo de ruptura com padrões morais de comportamento tradicionais, o espaço construído se revela como artefato cultural desnudado em seus programas de conduta e agenciamentos pelo artista provocador, que reinterpreta modernamente o habitar e insere novos significados pessoais, na contramão do pensamento modernista da casa enquanto “máquina de morar”. Profundamente pessoal em sua incomum solução arquitetônica, a casa é caracterizada pelos grandes espaços de acomodação e recepção de convidados e, apesar de não contar com grandes aberturas externas que permitam visualização do interior, possui monumentalidade observável de longe e potencializada por aparatos como bandeiras, cortinado e lâmpadas coloridas, que comunicavam aos olhares externos as práticas, especialmente as sexuais, do proprietário e de seus convivas.

Heloisa Pontes, por sua vez, traz as inter-relações entre os artistas e o espaço doméstico, porém no universo das representações sobre as casas, encenadas nas peças de teatro *A moratória* (1955), de Jorge Andrade, *Fala baixo senão eu grito* (1969), de Leilah Assumpção, e *À flor da pele* (1969), de Consuelo de Castro, nas quais se expunham as transformações e os conflitos das metrópoles e suas formas de vida, seja nas mudanças das famílias, seja nas renovações de costumes e dos lugares dos lares nas cidades, que se apresentam como materialização das representações das relações de gênero, classe e família. Igualmente, Silvana Barbosa Rubino trabalha as questões de gênero valendo-se da produção artística, porém em meios como o cinema, a televisão e a literatura dos EUA da segunda metade do século XX, revelando como as personagens encenadas, por exemplo, no livro e no filme *Stepford wives* (o primeiro, de 1972; este último, de 1975) reproduzem questões de opressão e exploração feminina nos espaços das casas de subúrbio, que passam de locais ideais para que as *housewives* exercessem suas atividades rotineiras, aprisionadas em gaiolas de ouro, a locais onde a mulher moderna, já ciente das exigências feministas, buscava refúgio e apaziguamento, sem utopias.

No bloco final de trabalhos, “Representações femininas do habitar”, os quatro artigos compartilham o recurso às publicações periódicas, seja nas revistas ou colunas de jornal, para não só explorar as potencialidades desse tipo de fonte, mas também revelar as intrincadas imagens das mulheres veiculadas na grande mídia, por exemplo na revista argentina *Claudia*, nos anos 1970, analisada por Anahi Ballent – sendo a mesma publicação abordada, em sua versão brasileira, por Mina Warchavchick Hughert. Se, no Brasil, observaram-se os conteúdos que se buscava veicular às mulheres pelos escritos de Georgia Hauner e pela empresa Mobilinea, de seu marido, divulgando os projetos de interiores por eles produzidos, em sintonia com as noções de modernização dos modos de vida; no país vizinho, a autora aborda as “casas jovens” veiculadas pelo periódico, principalmente com uma vereda consumista, revelando e propagandeando alterações nas imagens de modernização do lar e o impacto exercido especialmente sobre as leitoras.

Novamente rompendo barreiras disciplinares, o artigo de Joana Mello de Carvalho e Silva traz a compreensão de gênero e das escolhas domésticas entre o propagandeado “sucesso” do modernismo brasileiro e as demandas do habitar no cotidiano por meio das colunas femininas de jornais cariocas escritas por Clarice Lispector. A célebre escritora, valendo-se de pseudônimos, veiculava guias para práticas cotidianas trazendo visões contrastantes, tanto de posições femininas dóceis e não emancipatórias, reafirmando papéis clássicos que a mulher deveria desempenhar nos lares, quanto de posturas desafiadoras, geralmente nas entrelinhas de seu texto, questionando o *status quo* e buscando desmanchar clichês e levar reflexividade às suas leitoras sobre seus papéis, casas, aquisições, vidas e aspirações.

Marinês Ribeiro dos Santos aborda, ainda, a questão de gênero na sua faceta de “feminismo popular”, conforme divulgada na revista *Casa & Jardim* para o público das classes médias brasileiras, especialmente o da cultura jovem, associada e representada na publicação por meio do *design pop* e de modelos femininas, que veiculavam modos de morar e ser, desafiando tanto as figuras das “feministas” quanto as das “donas de casa” ao trazer, mediante fotografias de móveis e de ambientes domésticos, posturas descontraídas. Os móveis e ambientes *pop* serviam, assim, como veículos materiais que permitiam o tensionamento das normas de gênero relacionadas aos padrões de comportamento esperados para as mulheres.

Nota-se, portanto, como todos os artigos, em sua multiplicidade, têm transversalmente o objetivo de aprofundar o diálogo entre a arquitetura, as ciências sociais e a história, de forma a relacionar as permanências e as transformações nos modos de morar com os processos sociais mais amplos, não só econômicos e políticos, mas também nos seus aspectos espaciais, técnicos, estéticos e morais, que fornecem riqueza de dados culturais, tão caros aos estudos mais recentes. Assim, a interdisciplinaridade dessas três categorias é potencializada quando estas são associadas, permitindo a aproximação de leitores, a circulação de ideias e o diálogo de saberes essenciais ao universo acadêmico.

São trabalhos que, se decerto trazem continuidade com os estudos de história da vida privada, não se restringem a essa categoria – tanto que por isso se elegeu a categoria mais ampla de domesticidade, ainda que guarde limites de aplicação, por exemplo, para contextos pré-industriais ou fora dos grandes centros europeus e para a compreensão das práticas e representações que se buscam exteriorizar, como já apontara Henri Lefebvre, referência de diversos artigos.

A associação de temáticas é de grande importância, por exemplo, por trazer os estudos de gênero não só sobre o foro público de discussão e representatividade da mulher – espaços preferenciais dos estudos –, mas também para os voltados aos interiores e aos cenários provados, locais onde também operam micropoderes silenciosos – e silenciados –, permeados de diferenças cristalizadas na materialidade cotidiana dos objetos e hábitos. Tais configurações foram desconstruídas por estudos como os de Jean Baudrillard, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu, que trazem contribuições e interconexões com a antropologia, remetendo a seus precursores, como Marcel Mauss e Norbert Elias.

Igualmente enriquecedor é o fato de que, se os estudos de gênero são, muitas vezes, associados a pesquisas sobre mulheres ou gêneros não binários, há na obra também a preocupação com a masculinidade e a virilidade na sua produção histórica e cultural, desnudando sua pretensa rigidez. É o caso do singular estudo de José de Lira sobre a casa de Flávio de Carvalho.

Cabe também dizer que os artigos são largamente baseados em pesquisas em acervos de museus, centros de memória e arquivos, que não só fornecem inspiração e caminhos para futuros pesquisadores, mas também

proveem recursos para que mais museus e instituições culturais pensem em seus acervos e projetos expositivos, como o próprio CPC o faz reflexivamente com o simpósio e a publicação, de maneira a enriquecer os processos curatoriais e dar criatividade às exposições.

Certamente, a associação das categorias trabalhadas pelos autores merece ser expandida e aprofundada também para outros momentos e espaços históricos, como a época colonial mais remota, ainda que tratada em longa duração por Carlos Lemos e Paulo Garcez, uma vez que os artigos se debruçam especialmente sobre o século XX. Igualmente, outros espaços domésticos podem ser contemplados em futuros estudos, como os do mundo rural, posto que os autores tratam principalmente de lares citadinos, independentemente de serem aristocráticos ou populares, individuais ou coletivos.

Por fim, é especialmente importante marcar o contributo desses artigos ao sublinhar as questões de gênero, que hoje em dia estão em voga nas discussões públicas e educacionais brasileiras, não sem grande desconhecimento, desinformação e querela. Reforça-se, assim, a especial importância de haver estudos desse caráter sendo divulgados e potencializando o seu tratamento nos espaços de pesquisa e de exposição para o público em geral.

Assim, pelo valor e pela atualidade de seus estudos de caso, e pela riqueza de autores, *Domesticidade, gênero e cultura material* é uma publicação que não apenas deve ser vivamente recomendada e utilizada por pesquisadores e alunos, mas também celebrada.